



O Carnaval de Torres Vedras

O CARNAVAL “MAIS PORTUGUÊS DE PORTUGAL”

Original e criativo, o Carnaval de Torres Vedras ganha vida todos os anos demonstrando ser uma festa única. Não existe ninguém que não se sinta contagiado pela força e emoção que os Torreenses transmitem ao falar do seu Carnaval. Um Carnaval que é de todos.

No Carnaval todos somos Torreenses, porque é em Torres Vedras que se vive a verdade e autenticidade do Carnaval.

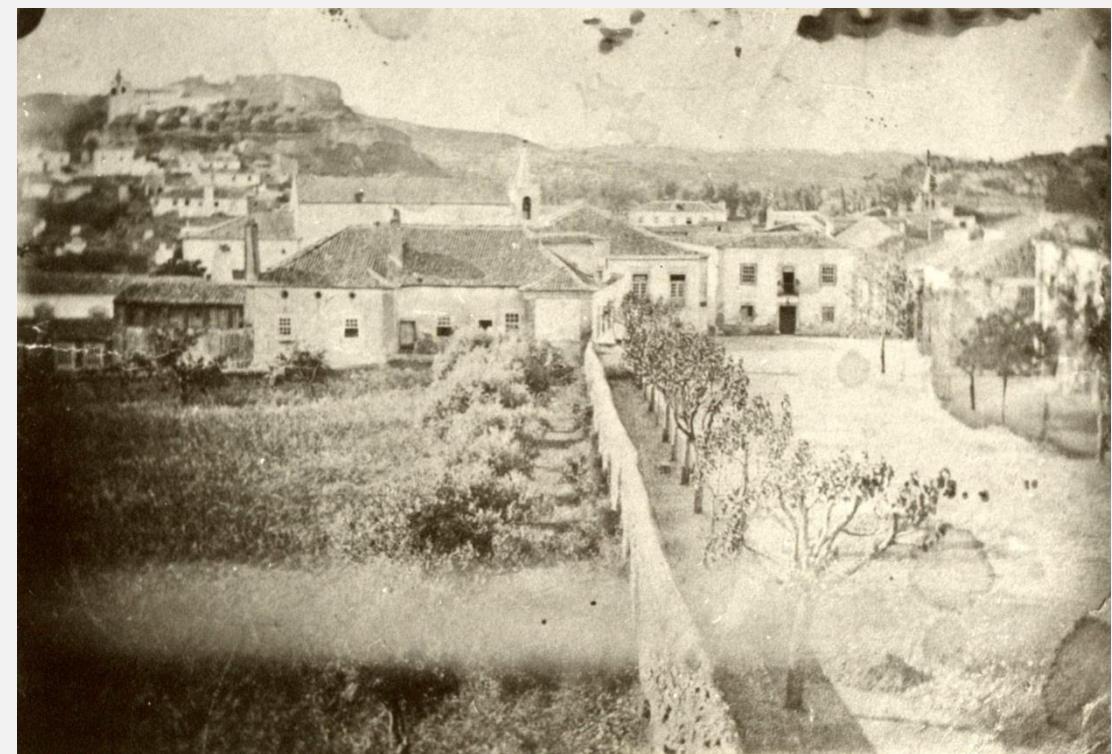
Primórdios do Carnaval de Torres

É no reinado de D. Sebastião que surge a primeira referência ao Carnaval de Torres Vedras. Num documento datado de 1574, um morador faz uma queixa contra um costume hoje conhecido como “correr o galo”.

Em meados de 1862 realiza-se na Igreja de S. Pedro o jubileu de 40 horas, nos três dias de Carnaval.

Só a partir de 1885 existem novas referências ao Carnaval quando é editado o primeiro jornal local.

Durante muitos anos o Carnaval limitou-se aos bailes e récitas nas coletividades e em casas particulares, quase sem animação de rua.



Torres Vedras, Século XIX, Biblioteca Municipal de Torres Vedras

Descrição do Carnaval Torriense oitocentista

«Prometti na minha ultima chronica descrever o nosso carnaval, não é vardade? Pouco trabalho terei. A pacatez de aldeia não desmanchou nada o nosso aquilibrio moral de provincia, nem me consta até hoje, que dos bailes do Grémio resultasse algum duello. (...)

Pois muito bem; o nosso carnaval foi nas ruas simplesmente detestavel, faltando-lhe mascaras e...espirito.»

“Neophito”, descrição feita por Martinho Torres, *in* Venerando de Matos, «Carnaval de Torres: Uma História com Tradição»



Torres Vedras, século XIX, Museu Municipal de Torres Vedras

O Carnaval vive da animação feita nas coletividades, como é o exemplo do Grémio de Torres Vedras ou do Grémio Artístico-Comercial.

O Carnaval de Rua, em 1900, era pouco animado.

Mas em 1903, época em que se concluiu a Avenida Conde Casal Ribeiro, foram prometidos candeeiros para a iluminação da Avenida. Alfredo dos Santos, Torreense, cansado de reclamar para obter os ditos candeeiros, construiu com operários e alguns amigos, um monumental candeeiro durante o Carnaval. Apareceu também com uma elegante carroça ornamentada passeando pelas ruas da Vila.

«A carrocinha era puxada por oito ou dez gericos, bem ajaezados, em fila, acompanhados pelos respectivos moços com vestidos apropriados ao cargo que lhes competia em dirigir os gericos.

Foi um delírio, com boas referências à ideia, e quase meia vila acompanhou o cortejo, com fanfarras. »

In Badaladas, Zérriques, “O Sino da Saudade”, 01-04-1960

Esta é uma das memórias de sátira política que caracteriza o Carnaval de Torres.

As “Pulhas”

O costume de lançar "As Pulhas", é corrente em várias partes rurais do concelho de Torres Vedras. As pulhas, são consideradas injúrias e práticas de maus costumes pelas autoridades.

"As Pulhas" eram constituídas por grupos que, desde meados de Janeiro, se organizavam e saiam à rua cantando, realizando sátira social, usando de um vocabulário picante.

As “Pulhas” não eram bem aceites. Existem registos de várias queixas às autoridades contra estes grupos. Os distúrbios começavam muitas vezes em Janeiro, quando iniciavam as brincadeiras de Carnaval.

Estes grupos aproveitavam a época carnavalesca para insultar e injuriar as pessoas, sendo ofensivos e imorais.

Nas Pulhas, encontramos a matriz do Carnaval de Torres, apimentado e com crítica social e política, levantando cuidados das autoridades.

O Carnaval e a República

D. Carlos é assassinado a 01 de Fevereiro de 1908, acontecimento que não impediu que o Carnaval se realizasse. Foi um Carnaval animado, com uma cariz política, talvez por influência dos Republicanos. Recuperou-se o Carnaval de Rua.

«No ano de 1912, surgiu um grupo de mascarados que parodiava as tropas contra-revolucionárias de Paiva Couceiro. Esta manifestação mereceu destaque nas páginas da “Ilustração Portuguesa”, com a seguinte legenda:

“Em Torres Vedras: Paródia Carnavalesca Invasão dos Paivantes. O Exército afungentado pelo Zé povinho, que lhes atira uma bomba de 5 réis.”»



Ilustração Portuguesa, nº 315, Março de 1912. *In* Venerando de Matos, «Carnaval de Torres: Uma História com Tradição»

Foi no ano de 1912 que o Carnaval começa a ter outra dimensão. É elaborado um programa por várias coletividades (Casino, Grémio, Tuna e “Salão-avenida animatographo”) que permitiu a existência de um carnaval animado.

Formou-se uma comissão para animar as ruas, onde a filarmónica participa.

Os tanoeiros organizaram uma “mascarada”, onde nos surge um grupo de mascarados que satirizavam as Tropas de Paiva Couceiro (que já tinha feito uma tentativa para restaurar a monarquia).



Bilhete postal com caricatura de Paiva Couceiro e seus apoiantes

Até aos anos 20, o Carnaval Torreense não estava organizada. As atividades aconteciam de forma dispersa e espontânea.

Enfarinhar o cabelo às raparigas, atirar saquinhos (de graínhas, tremoço seco e farinha), fazer *assaltos* a casas particulares eram algumas das atividades desta época.



Fotografia, Cocotes

O Carnaval de Rua – Anos 20

Nos anos 20 formou-se uma comissão para organizar os festejos de rua, mas estes só foram autorizados nos salões, associações de recreio e casas de espetáculos públicos.

Na terça-feira do Carnaval de 1922 apareceram vários mascarados que percorreram as diferentes coletividades. Consta que as máscaras eram engraçadas e originais e que faziam uma crítica à sociedade.

Talvez este grupo de mascarados esteja na origem do desfile que se realizou em 1923. A imprensa anunciou a recepção ao Rei do Carnaval.

«Tratava-se de uma recepção ao rei do Carnaval, chegando no comboio, após o que percorreu as ruas da vila, integrado num cortejo.»

adaptado de O Torreense de 24 de Fevereiro de 1924

No Carnaval de 1924 surge a “Rainha”, ano em que o Carnaval de rua já começa a ser bastante expressivo e a delinear o que será o Carnaval de Torres no futuro.



Fotografias, Os primeiros Reis do Carnaval de Torres Vedras

Talvez em 1926 surjam os grupos de “Matrafonas”, estas são homens mascarados de mulheres. Procuravam vestir fatos de mulheres que lhes ficasse mal e procuravam ter uma aparência de mulheres muito feias.

A 28 de Maio de 1926, após o golpe militar, o Carnaval volta para as coletividades e desaparece das ruas.

Fotografia, Ministros e Matrafonas

